



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE  
NÚCLEO DE GESTÃO  
ADMINISTRAÇÃO

HIGOR MATHEUS SANTOS SILVA

**SAI O ARTESÃO E ENTRA O VENDEDOR: um estudo sobre as transformações  
no comércio de artesanato na Feira de Caruaru**

Caruaru  
2019

HIGOR MATHEUS SANTOS SILVA

**SAI O ARTESÃO E ENTRA O VENDEDOR: um estudo sobre as transformações  
no comércio de artesanato na Feira de Caruaru**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Administração  
da Universidade Federal de Pernambuco,  
como requisito parcial para a obtenção do  
título de Bacharel em Administração.

**Área de concentração:** Administração.

**Orientador:** Prof<sup>o</sup>. Marcio Sá.

**Coorientador :** Prof<sup>a</sup>. M Sc. Jessica Rani F. de Souza.

Caruaru  
2019

Catálogo na fonte:  
Bibliotecária – Simone Xavier - CRB/4 - 1242

S586s Silva, Higor Matheus Santos.  
Sai o artesão e entra o vendedor: um estudo sobre as transformações no comércio de artesanato na feira de Caruaru. / Higor Matheus Santos Silva. - 2019.  
40 f. il. : 30 cm.

Orientador: Márcio Sá.  
Coorientadora: Jessica Rani Ferreira de Sousa.  
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Administração, 2019.  
Inclui Referências.

1. Feiras – Caruaru (PE). 2. Feirantes – Caruaru (PE) – Condições sociais. 4. Mudanças organizacionais. 5. Artesanato – Caruaru (PE). I. Sá, Márcio (Orientador). II. Sousa, Jessica Rani Ferreira de. (Coorientadora). III. Título.

CDD 658 (23. ed.)

UFPE (CAA 2019-367)

HIGOR MATHEUS SANTOS SILVA

TÍTULO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO:  
SAI O ARTESÃO ENTRA O VENDEDOR: UM ESTUDO SOBRE AS  
TRANSFORMAÇÕES NO COMÉRCIO DE ARTESANATO NA FEIRA DE CARUARU.

Este trabalho foi julgado adequado e aprovado para a obtenção do título de Graduação em  
Administração da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste –  
UFPE/CAA

Caruaru, 12 de novembro de 2019

---

Prof. Dr. Marconi Freitas da Costa  
Coordenador do Curso de Administração  
UFPE/CAA

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Márcio Sá  
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/CAA  
(Orientador)

---

Prof. M Sc. Jessica Rani Ferreira de Sousa  
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/CAA  
(Coorientadora)

---

Prof. Dra. Cláudia Freire  
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/CAA  
(Examinador)

---

Prof. Dra. Denise Clementino de Souza  
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/CAA  
(Examinadora)

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que fizeram parte da minha caminhada até aqui, aos meus pais, Maria Joseneide e Sebastião Caetano, que foram toda a minha base e fonte de amor, dedico aos meus avós, familiares, dedico também a um grande amigo de vida Miguel Pereira (in memorian).

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos que fazem o Campus do Agreste (CAA-UFPE), em especial à minha coorientadora Jessica Rani, e ao meu orientador Marcio de Sá, agradeço pelo aprendizado e dedicação. À Nathalia Melo pelo companheirismo e afeto. Aos meus amigos de graduação em especial Gilhermyson, Ygor, Braz, Glenda, Eduardo Queiroga, Eduardo Manoel, Henrique, Matheus, Rodrigo, Tacianne, Cleiton, Luiz, Yasmim e Shirley, pessoas com quem tive a honra de conviver e aprender dia a dia. Agradeço ao pessoal da extensão setorial e da pesquisa, em especial à Vitória e à Sabrynna, e aos professores que participaram da minha formação, em especial a Luiz Sebastião e Gilson Lima.

## RESUMO

Em 1992, os então artesãos feirantes que comercializavam suas peças na Feira de Caruaru foram transferidos junto com todos os demais para o Parque 18 de Maio e foram alocados no espaço que até hoje segue sendo chamado de Feira de Artesanato. Este trabalho se dedica a entender este momento histórico e os impactos deste acontecimento no comércio das peças na feira, com objetivo geral de analisar as transformações no comércio de artesanato, à luz da gestão de mudanças, percebidas pelos próprios feirantes, ocorridas com a transferência da feira de Caruaru do Marco Zero da cidade para o Parque 18 de maio. Realizando sete (07) entrevistas semiestruturadas com pessoas na faixa etária de quarenta e oito anos (48) a setenta e seis anos (76) anos que viveram esse momento. Os principais resultados ao qual chegamos foi analisar o gerenciamento de mudanças que foi realizado e os impactos nos costumes cotidianos na vida dos que passaram por esse processo. E a título de considerações finais, destacamos o modelo da nova cadeia de suprimentos que se formou com a mudança, colocando o artesão como um ator coadjuvante do reconhecimento da sua própria criação, além das desiguais mudanças ocorridas por quem a viveu.

Palavras-chaves: Feira de artesanato; Parque 18 de Maio; Feirantes; Gestão de mudanças; Feira de Caruaru.

## **ABSTRACT**

In 1992, the then artisan handicraft marketers who marketed their pieces at the Caruaru Fair, were transferred along with all the others to the 18th May Park and were allocated in the space that continues to be called the Handicraft Fair. This work is dedicated to understand this historical moment and the impacts of this event on the trade of pieces in the fair, with the general objective of analyzing the changes in the handicraft trade, in light of the change management, perceived by the fair owners, which occurred with the transfer of the Caruaru fair Ground Zero from the city to the May 18th Park. Performing seven (07) semi-structured interviews with people aged forty-eight (48) to seventy-six years (76) who lived this time. The main results we reached were to analyze the change management that was carried out and the impacts on everyday customs in the lives of those who went through this process. And as final considerations, we highlight the mode of the new supply chain that was formed with the change, placing the artisan as a supporting actor in the recognition of his own creation, in addition to the unequal changes made by those who lived it.

Keywords: Craft Fair; May 18th Park; Fairgrounds; Change management; Caruaru Fair.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2</b>	<b>O QUE FALAM OS AUTORES (revisão bibliográfica).....</b>	<b>12</b>
2.1	O GERENCIAMENTO DE MUDANÇAS.....	12
2.2	A FEIRA DE CARUARU – CONTEXTO HISTÓRICO.....	14
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>20</b>
<b>4</b>	<b>A PERCEPÇÃO DOS FEIRANTES DE ARTESANATO SOBRE A MUDANÇA DA FEIRA.....</b>	<b>21</b>
4.1	MADEIRA, PREGOS, ARTES E ARTISTAS DEBAIXO DE LONAS COLORIDAS.....	<b>21</b>
4.2	A MUDANÇA NA VISÃO DO FEIRANTE.....	<b>26</b>
4.3	MUDANÇA DE PAPÉIS: GERENCIANDO CONSEQUÊNCIAS.....	<b>28</b>
4.4	“A FEIRA PARA TURISTA VER”.....	<b>33</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>36</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>38</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao andar por lugares distintos do Brasil onde se comercializa artesanato, pode-se notar uma certa mistura. Quem tem um certo conhecimento com o artesanato logo percebe os produtos típicos de uma região em outra e vice-versa (RAMIREZ *et al*, 2015). Essa influência transcende as perspectivas de idade, gosto, região e fomenta uma construção criativa que impressiona todos que consomem esses produtos artesanais. Com o modo de produção de peças também pode acontecer algo parecido: percebe-se uma semelhança entre peças que são produzidas em escala a gosto do mercado.

A região Nordeste, em especial Pernambuco, se destaca no mercado de produtos artesanais, com diversos produtos de cidades distintas, que fomenta a geração de empregos e promove o aumento da renda para muitas pessoas, principalmente as que compõem diretamente o ciclo produtivo do arranjo local (ALVES *et al*, 2010). Isto envolve, desde a pessoa que extrai a matéria prima que compõe o produto, até o funcionário das lojas onde são vendidos esses produtos, uma grande rede que colabora para o crescimento econômico.

A cidade de Caruaru, situada no agreste Pernambucano, a 130 km da capital do estado, é um lugar de convergência comercial para sertanejos e agrestinos, e dispõe de uma localização geográfica importante para quem transita entre sertão e o litoral. Lima *et al* (2014) destaca que, como beneficiária desses traslados geográficos, a Feira de Caruaru se torna um dos pontos comerciais mais famosos da região, de tal importância, que é considerada patrimônio imaterial do Brasil, segundo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2006). Historicamente a Feira está ligada à evolução do município e sempre esteve no cerne do comércio regional.

Ainda em Caruaru, encontra-se o Alto do Moura, que apresentasse na sua chegada um pórtico escrito o maior Centro de Artes Figurativas das Américas. Segundo Lima *et al* (2014), até o final do ano de 2013 eram contabilizados mais de duzentas (200) pessoas diretamente envolvidas na arte figurativa no Alto do Moura, que fomentavam o seu potencial artístico e de negócio de modo informal e sem qualquer tipo de controle das atividades ou apoio legal.

Outro ponto importante, tanto em termos artísticos quanto econômicos para a cidade de Caruaru, é sua Feira. Considerada uma das mais conhecidas nacionalmente, a Feira de Caruaru, durante a sua história, sempre foi alvo de grandes disputas, relacionadas não apenas

à localização da feira em si (SOUSA; SÁ, 2019), mas em relação a problemáticas entre as disposições comerciais dos empresários que a utilizam, a questões ligadas às mudanças impostas à dinâmica dos feirantes, ou mesmo aos procedimentos rotineiros que são utilizados pelos feirantes e artesãos para manter a rentabilidade dos seus negócios. Todas essas questões promovem a Feira de Caruaru à um patamar singular no que se refere a administração de negócios, tanto aos impactos negativos que podem ser atribuídos ao estilo de se gerenciar as atividades relacionadas à Feira de Artesanato, quanto aos benefícios inerentes ao estilo gerencial dos feirantes (TENORIO; CARVALHO; ZHAYRA, 2014).

O presente trabalho se debruça sobre questões do artesanato local - um sistema comercial voltado para produção manual de artefatos únicos comercializados na região – e atentará para a influência histórica que envolve a Feira de Caruaru e seus artesãos, bem como as práticas relacionadas aos métodos utilizados no gerenciamento de mudanças dos negócios. Tal análise leva em consideração o processo de transição da Feira de sua antiga localização, do centro da cidade, para o Parque 18 de Maio, local construído especificamente para receber os feirantes, em maio de 1992 (IPHAN, 2006).

Diante do exposto, toma-se como **objetivo geral**: analisar as transformações no comércio de artesanato, à luz da gestão de mudanças, percebidas pelos próprios feirantes, ocorridas com a transferência da feira de Caruaru do Marco Zero da cidade para o Parque 18 de maio. E como **objetivos específicos**:

- Fazer uma análise temporal sobre a mudança da Feira de Artesanato;
- Compreender os papéis desempenhados por artesãos e vendedores antes e após a mudança da Feira;
- Analisar os efeitos da mudança da Feira de Caruaru na cadeia produtiva do artesanato, e sua nova cadeia de suprimentos.

O presente trabalho pode ser justificado nos seguintes termos: a Feira de Caruaru não é apenas um local para fomentar transações comerciais. Muito além disso, a feira tem uma capacidade de incorporar tradições, promover a troca de saberes e, apesar de todas as problemáticas, conseguir traduzir a capacidade de gerenciamento de todos os seus usuários, sejam eles feirantes, compradores, poetas ou artesãos. (TENORIO; CARVALHO; ZHAYRA, 2014).

Gerenciar todas as demandas que a feira impulsiona não é tarefa fácil. O feirante e o artesão estão sempre à mercê de situações que os levam a tomar decisões que podem interferir diretamente no sucesso ou no fracasso de suas atividades. Essa tensão diária, a necessidade sobrevivência a imposição de uma dinâmica de trabalho exaustiva e os vários processos

improvisados na administração. Assim, realizar mudanças em um sistema comercial já utilizado, aqui representado pelo conjunto comercial da Feira de Artesanato – espaço físico, métodos de venda, contato com cliente, entre outros - pode causar aumento do risco de perda financeira e, conseqüentemente, pode causar a falência de lojas e pontos comerciais, o que pode levar as pessoas a dificuldades de subsistência.

Para Miranda (2019), a perspectiva de lidar com as necessidades de mudanças não é tarefa fácil, seja para quem se posiciona como o organizador das mudanças, aqui representado pelos órgãos públicos competentes, seja pelos afetados diretos dessas modificações.

Dentro da citada observação histórica, um dos eventos de maior impacto para Caruaru e, conseqüentemente, para a feira da cidade, foi a transferência do centro do município, local onde os feirantes disputavam espaço com as lojas comerciais e que propiciava dificuldades logísticas, para o Parque 18 de Maio, local este pensado e organizado para recepcionar todos os feirantes e suas demandas.

Assim, como destaca Sá (2018), os feirantes de Caruaru têm formas peculiares de organizar suas atividades e administrar seus negócios. Qualquer mudança que ocorra em suas rotinas pode ser vista com desconfiança e causar desconforto, já que se está falando de locais onde estão depositados todos os seus recursos e tempo.

Entende-se então, que é necessário melhor compreender o que pode ser denominado como “ponto de vista” desses interessados e como se deu os processos históricos e administrativos que envolveram a tal mudança. Assim, em relação à Feira de Caruaru e sua mudança para o Parque 18 de Maio, faz-se necessário vislumbrar o “olhar” histórico dos feirantes que participaram diretamente do processo de transição, observar as lacunas e fomentar um espaço para que esses agentes possam inferir, objetivamente, pontos estruturais que devem ser observados para possíveis novas mudanças que venham a ocorrer à Feira de Caruaru. Isto implica em elaborar material para suportar políticas públicas para futuros processos, além de trazer esses atores ao seu lugar de protagonismo devido.

## 2 O QUE FALAM OS AUTORES

A mudança, portanto, é algo comum, por vezes necessário e que pode ser controlada se gerenciada de forma assertiva pelos administradores que se comprometem a executar tal feito. O gerenciamento de mudanças se fomenta para comportar os meios para os quais a mudança possa ser realizada de forma a não gerar riscos desnecessários aos interessados e diminuir os efeitos nocivos inerentes a certas mudanças.

### 2.1 O GERENCIAMENTO DE MUDANÇAS

Para Bauer (2008), a mudança pode ser considerada como um processo de eventos singulares, com diferenciação entre tais eventos, e que são passíveis de modificarem a realidade que antes era considerada estável. Assim, o que se sugere, é que as mudanças estão relacionadas a modificações temporais, esperadas ou não, de um determinado agente físico ou metodológico.

Outra forma de se definir mudança é pela conceituação de que qualquer modificação prospectada pela administração em suas atividades rotineiras de ambiente de trabalho ou no processo executado pelo colaborador dentro de suas atividades pode ser considerada mudança (JUDSON, 1976). Já Wood Jr (1995, p.190) relata que “mudança organizacional é qualquer transformação de natureza estrutural, institucional, estratégica, cultural, tecnológica, humana, ou de qualquer outro componente, capaz de gerar impacto em partes ou no conjunto da organização”. Portanto, pode-se pensar a mudança como um processo planejado e executado por algum ente interessado e que tenha domínio sobre a administração do ambiente, espaço ou colaborador.

A gestão de mudanças pode ser realizada a partir da incorporação de técnicas, ferramentas e processos que possam auxiliar os fatores humanos a serem mais efetivos e receptivos às mudanças. Assim, pode-se utilizar ferramentas gerenciais para melhor direcionar o processo e alcançar o sucesso à situação futura (CREASEY, 2009).

Quando se adentra a processos correspondentes ao gerenciamento de mudanças que envolvem negócios de alto risco é necessário entender bem todos os cenários prováveis a curto, médio e longo prazo. Não se pode promover mudanças sem um alto grau de informações que possam auxiliar na gestão em períodos adaptativos.

Assim, para auxiliar a complexidade de se trabalhar o gerenciamento de mudanças, é necessário primeiro entender as diversas tipologias que podem ser utilizadas para compreender a mudanças e, então, selecionar os melhor método para se alcançar o sucesso

desejado (LIMA; BRESSAN, 2003). O quadro 1 remete a algumas definições tipológicas sobre mudanças:

TIPO DE MUDANÇA	REFERÊNCIA
<b>Contínua</b> - Mudança constante, cumulativa e evolutiva. Podem ser pequenos avanços que ocorrem cotidianamente em toda organização, cujo acúmulo pode propiciar uma mudança significativa na organização	WEICK e QUINN (1999)
<b>Incremental / Contínua</b> - Continuidade do padrão existente. Pode ter dimensões diferentes, mas é realizada dentro do contexto atual da empresa.	NADLER et al (1994)
<b>Primeira ordem</b> - É uma mudança linear e contínua, que envolve alterações nas características dos sistemas, sem causar quebras em aspectos-chave para a organização	PORRAS e ROBERTSON (1992)
<b>Intencional</b> - Quando um agente de mudança estabelece condições e circunstâncias diferentes das atuais e então busca realizá-las por meio de um conjunto de ações e intervenções, com ou sem a colaboração de outras pessoas.	FORD e FORD (1995)
<b>Micromudança</b> - Focalizada dentro da organização. Exemplo: redefinição de cargos em uma fábrica ou desenvolvimento de um novo produto.	MINTZBERG, AHLSTRAND e LAMPEL (1998)
<b>Episódica</b> - Mudança pouco frequente, descontínua e intencional, que ocorre durante períodos de divergência, quando as empresas saem de sua condição de equilíbrio	
<b>Descontínua</b> - Mudança do padrão existente, que ocorre em períodos de desequilíbrio e envolve uma ou várias reestruturações de características da empresa.	
<b>Segunda ordem</b> - É uma mudança multidimensional, multinível, radical e descontínua, que envolve quebra de paradigmas organizacionais.	
<b>Não intencional</b> - Não é gerada deliberadamente ou conscientemente. Manifestam-se como efeitos colaterais, acidentais, efeitos secundários ou consequências inesperadas da ação.	
<b>Macromudança</b> - Visa à organização inteira, incluindo suas relações com o ambiente. Exemplo: reposicionamento no mercado ou alteração de todas as suas instalações físicas	

Fonte: Adaptado de Borges-Andrade (2010)

A partir desses diferentes direcionamentos tipológicos sobre mudanças e que servem para fomentar direcionamentos relacionados à gestão, podem ser citados, a partir de Silva (2001), diferentes tipos de critérios (quadro 2) que servem para compreender que tipo de ações e para que tipo de mudanças se deve organizar e empenhar as forças de trabalho e de planejamento.

TIPO DE CRITÉRIO	CLASSIFICAÇÃO DA MUDANÇA
<b>Quanto à intencionalidade</b>	<b>Intencional (ou deliberada)</b> - Aquela cujo processo é originado, conscientemente, por uma decisão da organização. <b>Não intencional (ou emergente)</b> - Aquela cujo processo tem origem em circunstâncias não previstas e que acontece sem que a organização tenha assumido uma opção consciente para realizá-la.
<b>Quanto ao controle sobre o processo</b>	<b>Programada (também chamada de planejada)</b> - é importante ressaltar a existência de ambiguidade planejada no emprego do termo, que é utilizado algumas vezes, como sinônimo de mudança intencional) - Aquela cujo processo segue uma sequência de eventos projetados pela organização. <b>Dirigida</b> - Aquela em que, embora não haja uma sequência rígida de eventos programados, o controle do processo é assumido pela direção da organização. <b>Espontânea</b> - Aquela que acontece sem que a direção da organização tenha controle sobre o processo.
<b>Quanto à amplitude das</b>	<b>Macro</b> - Aquela que envolve uma grande variedade de dimensões internas e

<b>dimensões organizacionais afetadas</b>	externas à organização. <b>Micro</b> - Aquela que acontece de modo local, interno à organização, envolvendo um conjunto restrito de dimensões
<b>Quanto à frequência de ocorrência</b>	<b>Evolutiva (conhecida também como incremental)</b> - Aquela que tende a ser composta por pequenas alterações que acontecem de modo sequencial, frequente, mas que, em longo prazo, podem produzir grandes alterações em diferentes dimensões da organização. <b>Episódica (também chamada de intermitente)</b> - Aquela cujo processo é marcado por um início, meio e fim, geralmente em um curto espaço de tempo.
<b>Quanto à profundidade das alterações provocadas na organização</b>	<b>Normal (conhecida também como marginal ou contínua)</b> - Aquela que tende a provocar pequenas alterações no conjunto global de dimensões da organização, com relação ao estado inicial. <b>Radical (conhecida também como severa ou descontínua)</b> - Aquela que tende a provocar grandes alterações no conjunto global de dimensões da organização
<b>Quanto ao principal tipo de conteúdo afetado</b>	<b>De natureza predominantemente técnica / econômica</b> - Aquela que tende a afetar mais as dimensões estruturais, processuais, tecnológicas e econômicas do que as relações humanas na organização. <b>De natureza predominantemente humana / social</b> - Aquela que tende a afetar mais as relações humanas da organização do que as dimensões estruturais, processuais, tecnológicas e econômicas

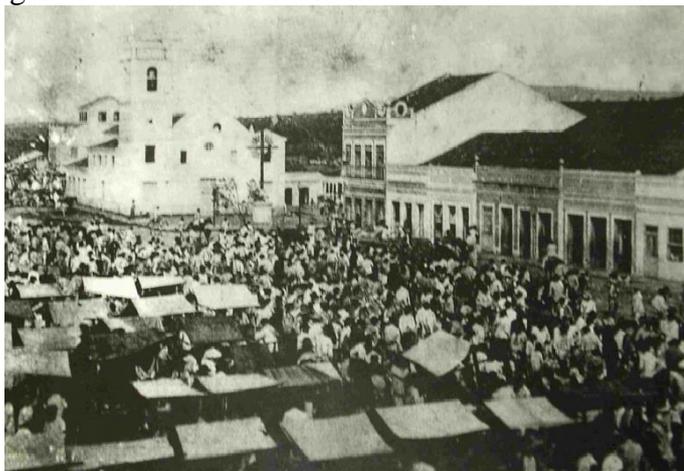
Fonte: Adaptado de Borges-Andrade (2010)

Assim, há uma necessidade de se organizar todos os procedimentos referentes à busca das mudanças necessárias para a melhoria de determinado projeto, alcance de determinado objetivo ou à busca de ganhos organizacionais a partir de parâmetros pré-definidos que fomentarão o melhor planejamento e execução de projeto, ocasionando um menor impacto na mudança, tendo em vista respeitar o processo histórico que o objeto de mudança carregou consigo.

## 2.2 A FEIRA DE CARUARU – CONTEXTO HISTÓRICO

É improvável, ao pesquisar sobre a cidade de Caruaru, ou sobre sua feira (figura 3.1), não as visualizar entrelaçadas pelas histórias que as precedem. Nos tempos dos vislumbres das boiadas e dos incansáveis caminhos desbravados por boiadeiros que iam do sertão ao litoral (CONDÉ, 2011), surgem as primeiras descobertas comerciais que engendraram as necessidades de suprimentos para os moradores da região. Caruaru, a partir de certos avanços históricos, foi se tornando destaque como polo de comércio na região agreste de Pernambuco (TENORIO, CARVALHO, ZHAYRA, 2014).

Figura 1 – Feira de Caruaru no centro da cidade em 1900



Fonte: Jornal Vanguarda *apud* Miranda (2007)

Caruaru nasceu quase que juntamente à feira. Inicialmente pela inauguração da capela da Conceição. À época, o comércio de artesanato não ficou de fora dessa evolução. O mesmo artesanato que procede a fama da cidade, de nomes hoje imortalizados de artesões regionais, dentre eles o famoso Mestre Vitalino e tantos outros que se destacaram com a capacidade de representar a cidade e todas as suas peculiaridades a partir do barro e da criatividade. O livro de José Condé escrito em 1960 – romance que retrata a cidade de Caruaru em meados da década de 20 – mostra a comercialização já existente de artigos de artesanato à época:

É cedo ainda, mas a feira já está bastante movimentada. Vai de um extremo a outro da Rua do Comércio - mais de quilômetro ocupado pelos toldos coloridos, montes de frutas e legumes, barracas que servem de restaurantes populares (onde se come sarapatel, carne de sol, buchada, miúdo fritos), barracas que vendem celas, alforjes, relhos, ervas medicinais e afrodisíaca, chapéus de couro, cestos, passarinhos, cavalos, peles de sucuri. Envoltas em xales vistosos, o cachimbo de barro cozido pendente do lábio, mulher cabocla, negras e sararás fazem barganha com a freguesia. Ruídos e vozes que partem de todos os cantos: dos becos que desembocam na rua, onde pedintes aleijados e cegos entoam cantigas improvisadas, de uma tristeza ancestral; dos propagandistas das lojas de chitas, dos pregoeiros, das sanfonas, violas e pandeiros. Na calçada de igreja da conceição, o trovador popular receita para os matutos histórias sertanejas que vêm narradas nos folhetos de capas berrantes e versos primitivos (CONDÉ, 2011, p.67-68).

Assim, o artesanato se mostra, historicamente, mais rústico e voltado para utensílios como: celas, cachimbos de barro, potes de barro, cestos, entre outros. Todos esses produtos manufaturados eram expostos e vendidos à mão livre para diferentes tipos de clientes que se utilizavam dos dias de feiras para repor seus estoques semanais tanto utilizados para revender em suas respectivas localidades, quanto para o consumo próprio. Outro trecho do mesmo livro mostra também que o artesanato está fixado na história da cidade desde seu início: "Nasceu, então, a feira semanal, onde a população - na sua maioria pequenos criadores e pequenos agricultores que pouco a pouco iam deixando de depender diretamente de José Rodrigues de

Jesus - fazia permuta de café, rapadura, farinha, gado, ovelha" (CONDÉ, 2011, p. 26). Considerando a produção de alimentos como o café a rapadura e a farinha como procedimentos artesanais à época, pode-se dizer que o modo de elaboração e venda artesanal está ligado a essa feira desde seu nascimento.

Outro ponto a se destacar é que o comércio estabelecido no centro da cidade de Caruaru se deu a partir da feira, pois o ato comercial no ambiente veio a princípio por feirantes, e ao observar o bom fluxo de pessoas, os comerciantes passaram também a explorar o local. Há casos onde alguns deixaram a feira e migraram para o comércio ou essa migração se deu a partir dos herdeiros dos pontos comerciais. Ressalta-se que foram esses herdeiros os primeiros a encabeçar a necessidade de mudança do local utilizado, até então, pela Feira de Caruaru.

Outro destaque às características da Feira é apontado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan):

A Feira de Caruaru tem como características principais e históricas o fato de ser estabelecida pelos "burgueses brasileiros", a nova classe de comerciantes proprietários, oligárquicos, mas também pelos vendedores e artesãos livres e uns poucos escravos. Sendo assim, "muitos comerciantes atuais, empresários caruaruenses, são descendentes de antigos feirantes e proprietários rurais, embora haja na atualidade certa discriminação por parte do empresariado comercial em relação ao feirante, pois muitos afirmam que enquanto na Feira não se pagam impostos, há possibilidade econômica de que o feirante concorra economicamente em melhor situação de vantagem em relação ao comerciante estabelecido". (Ora, as pesquisas de campo demonstraram que os feirantes pagam impostos sim, embora em quantia menor) (IPHAN, 2006, p.29).

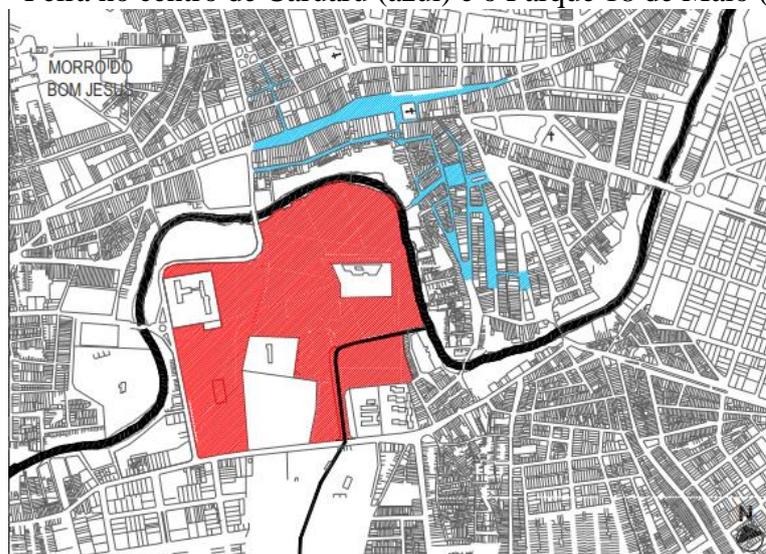
Existia uma "rusga" antiga entre a feira e os comerciantes. Tal dissonância se dava por diversos fatores, dos quais se incluem os processos administrativos e do gerenciamento de rotinas que diferenciavam artesãos e comerciantes lojistas. Silva (2015) demonstra que desde a comemoração do centenário da cidade, a feira ficou à margem na história. Mesmo a partir de destaques nacionais, como exemplificado pela música: A Feira de Caruaru, do compositor Onildo Almeida, sucesso na voz do cantor Luiz Gonzaga. Parte dos comerciantes ainda mantinham uma visão sobre a feira de ambiente rústico e que deixava a cidade "feia", tal pensamento sempre foi prospectado historicamente pelos herdeiros supracitados e esses mesmo herdeiros, posteriormente, vieram a construir o nicho de comerciantes da cidade.

A primeira tentativa de mudança do local da feira ocorreu no ano de 1966, na então gestão do prefeito Drayton Nejaim. A feira foi transferida para as ruas Felipe Camarão, Porto Alegre, Benjamin Larena, Rui Barbosa, Floriano Peixoto, São Roque e ruas circunvizinhas. A tentativa durou até meados 1969, no mandato de Anastácio Rodrigues (MIRANDA, 2009) Após esse período, a feira retorna ao centro, motivada principalmente pelo impacto da crise

econômica mundial do mesmo ano e seus reflexos para desenvolvimento local, a então crise favoreceu o fechamento de muitas lojas da Rua 15 de Novembro.

Para Associação Comercial e Empresarial de Caruaru (ACIC, 2010), o retorno ao centro da cidade fomentou um sentimento de esperança para enfrentar os tempos difíceis e demonstrou o quão a Feira de Caruaru era necessária para a economia da região. A feira voltava à centralidade econômica de origem, onde permaneceu até sua mudança definitiva, em 1992, para o Parque 18 de Maio (*figura 3.2*) no mandato do então prefeito João Lyra Neto (MIRANDA, 2009)

Figura 2 – Feira no centro de Caruaru (azul) e o Parque 18 de Maio (vermelho)



Fonte: Miranda (2007)

A transferência se deu em um processo lento de discussões e planejamento. Segundo o IPHAN (2006), a feira, ao longo da história, obteve crescimento e desenvolvimento acima da média de outros meios econômicos da cidade. Tal fato dava à feira destaques negativos e positivos. Dentre os pontos positivos, tinha-se o crescimento da fama da feira por um conjunto de fatores como sua tradição e popularidade que refletia no comércio que é uma das maiores fontes de renda da cidade, e a feira tinha efetiva contribuição; dentre os pontos negativos, a feira estava tomando proporção tamanha que ficava impossibilitada de novos negócios surgirem de forma sustentável. A partir de então, cria-se a necessidade de melhorias estruturais.

Vários fatores contribuíram para que algumas mudanças viessem a ocorrer, como: a) a necessidade de expansão da área do comércio; b) a interferência da Feira de Caruaru em outras atividades comerciais; c) a falta de infraestrutura para comportar o aumento do fluxo de barracas e de pessoas; d) o aumento do de trânsito automobilístico; d) o aumento do número

de barracas e feirantes de outras localidades, entre outras necessidades que impediam a permanência da feira nas ruas centrais da cidade. Como destaca Miranda (2009, p. 75) "Tudo isso passava também por uma reestruturação do centro da cidade para que ele pudesse 'respirar' e ter todo o vigor próprio retomado, além da mudança de local da feira para uma área próxima à essa zona central"

Todo o traslado necessitava de planejamento. Assim, como parte do processo de averiguação da assertividade do projeto, utilizou-se a Feira de Artesanato como o primeiro projeto inaugural de mudança. Portanto, a Feira de Artesanato serviu como uma espécie de "cobaia", o projeto piloto, para testar as modificações planejadas. Houve críticas, principalmente advindas dos feirantes de frutas e verduras que argumentavam que o armazenamento e o ritmo de reposição de tomates e macaxeiras seriam afetados, já que o arranjo da feira de alimentos é diferente do arranjo logístico da vendas e de compra dos bonecos de barro e das sandálias de couro (IPHAN, 2006).

A última feira realizada no centro da cidade foi no dia 16 de Maio de 1992. Na manhã do dia seguinte, os feirantes já faziam a transferência de seus produtos de trabalho para o Parque 18 de Maio, que foi uma área planejada para tal mudança (IPHAN, 2006). Como já mencionado, a feira de artesanato foi transferida previamente e essa data oficial está relatada em dossiê, como se destaca:

Encontram-se na Feira artesãos – hoje em menor número do que antes do crescimento da importância do Alto do Moura - que criam suas peças nas suas próprias barracas. Outros moradores de municípios vizinhos, distribuem suas criações entre donos de vários estabelecimentos comerciais nesta Feira; o interessante é que alguns destes não deixam endereço nem mesmo telefone para contato: entregam certo número de obras, dão o preço, se despedem, voltando qualquer dia, alguns meses depois, para buscar o "apurado" das vendas (IPHAN, 2006, p.46)

Observou-se durante a pesquisa que os artesãos de fato foram se afastando da feira em decorrência da transferência, e tal acontecimento foi um dos principais divisores de águas para a promoção do novo desenho da cadeia produtiva do artesanato. Uma das principais mudanças que se deu após a transferência, foi o surgimento dos chamados atravessadores, cujo termo, segundo Rocha (2014, p. 59), define-se como: "utilizado pelos próprios artesãos para identificar as pessoas que encomendam e compram peças a serem comercializadas em outros espaços e cidades que, muitas vezes, o próprio artesão não tem dimensão para onde seguem suas produções". Em Miranda (2009), os atravessadores são vistos como vilões por alguns, que os culpam por desvalorizar a arte e queda nas vendas em âmbito local, enquanto outros os julgam fundamentais para a manutenção das atividades de produção, pois permitem o escoamento dos produtos manufaturados.

Em Sá (2018), a Feira de Caruaru é, de certa forma, dividida em duas partes: uma um pouco mais organizada, a Feira de Artesanato, que pode ser caracterizado como local "para turista ver" e um outro local caracterizado como a "favelizada" que são as outras feiras que compõem o Parque 18 de Maio. Outro ponto importante para o estudo e aqui se fomenta a título de nomenclatura, são os "estreitos" (figura 3) particulares da feira - áreas que, sejam por estarem afastadas das maiores vias da feira, sejam por estarem próximas a bancos de feirantes, são usadas exclusivamente nos dias das Feira da Sulanca, e passam o resto da semana subutilizadas, dando a sensação de insegurança aos transeuntes. Assim, essas áreas se tornam menos privilegiadas que as outras, fomentando a desigualdade explícita do local.

Figura 3: Avenidas principais da Feira



Fonte: Autor (2019)

Figura 4: Pontos que demonstra os estreitos



Fonte: Autor (2019)

Pode-se, assim, definir esses estreitos como espaços de comercialização autorizados, mas que não seguem procedimentos de uso típicos e obrigatórios para pontos de comércio.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A natureza desta pesquisa é qualitativa, do tipo descritivo-exploratória. Foi utilizado o método histórico, pois há uma investigação de acontecimentos passados que resulta em influências na atual sociedade (MARCONI; LAKATOS, 2003), e, pela técnica da história oral, os registros contaram a trajetória de pessoas e da organização da Feira de Artesanato, aqui se utilizando de procedimentos narrativos sobre os acontecimentos que fizeram parte dos passos de transição da Feira de Caruaru (VEGARA, 2005). Neste trabalho foram utilizados como fontes de pesquisas: livros, artigos, revistas, fotos e as entrevistas orais. Os entrevistados são pessoas que viveram a mudança da Feira e, em sua maioria, ainda continuam a trabalhar na localidade. Assim, foi realizado um apanhado histórico que envolve a Feira de Artesanato em três momentos distintos que remetem à sua mudança histórica de local – antes, durante e depois.

Dentre os agentes da feira aqui entrevistados, destaca-se que seis (06) estão na feira do artesanato, em atividade até hoje, então a pesquisa oral se dá junto a tais personagens, e apenas um (01) se distanciou – muito embora os motivos desse afastamento foram destacados e explorados no material empírico. Os entrevistados estão na faixa etária de quarenta e oito (48) a setenta e seis (76) anos. As entrevistas foram transcritas e numeradas de um (1) a sete (7), aleatoriamente, com a finalidade de preservar a identidade dos respondentes.

As análises foram feitas, tendo como base a fala dos feirantes entrevistados, pois houve uma grande escassez em relação a materiais que falasse diretamente dessa transferência e essa falta de material é ainda mais escasso no tocante ao feirante, tendo isso em vista demos ênfase a percepção do feirante em nosso estudo.

## **4 A PERCEÇÃO DOS FEIRANTES DE ARTESANATO SOBRE A MUDANÇA DA FEIRA**

A Feira de Caruaru, ao longo do tempo, foi se expandindo e o seu local primitivo passou a se tornar inviável, a necessidade de mudança era clara e até a sua mudança definitiva, foi necessário muito tempo de planejamento.

A feira de artesanato acontece aos sábados e quartas feiras com vendas de produtos comuns, de mangaio a utensílios rústicos artesanais. O surgimento dos artesãos figurativos, que passam a retratar coisas atreladas à vivência e ao imaginário da cultura nordestina em esculturas de barro, acrescentou à Feira de Artesanato uma curiosidade diferente das demais feiras.

A feira por si só já demandava mudanças na forma como se relacionava com o ambiente e os clientes que por ela transitavam. Gerenciar essas mudanças do cotidiano era o desafio imposto para os feirantes e artesãos que se utilizavam da feira. Não se caracterizava uma tarefa fácil, visto que havia necessidades de responder rapidamente a essas mudanças. Assim, ao ter início um processo de macromudança imposta, intencional e dirigida pelas representações governamentais, era de se esperar que o impacto fosse massivo e causasse a apresentação de novas demandas.

### **4.1 MADEIRA, PREGOS, ARTES E ARTISTAS DEBAIXO DE LONAS COLORIDAS**

Esta seção é atribuída ao período antecedente da mudança da feira. Onde era realizada em simples armações de madeira que serviam de prateleira para os produtos, em entrevista, um artesão de uma das famílias tradicionais fala como era sua experiência na época em que seu pai tinha um banco de feira no centro da cidade: "Meu pai quem levava os meus trabalhos pra colocar na feira e vender... Eu ia só assim depois do almoço pra pegar algum dinheiro e fazer compras" (Entrevista 7). Nesse caso, evidencia-se o contato direto que o pai do entrevistado, que também era artesão, se dispõe a ter, indo ele mesmo comercializar com cliente final.

Ao serem entrevistados e falar das lembranças da Feira de Artesanato antes da modificação para o Parque 18 de Maio, é quase inevitável que os entrevistados não citem a simplicidade da feira quando realizada no centro da cidade: "Lá em cima era assim: um grupinho, um pouco... poucas lojas assim... poucas lojas não, que na realidade eram bancos, de madeira, com uma loninha em cima" (Entrevista 4).

Outro destaque à simplicidade da Feira de Artesanato ao ser realizada passava antecipadamente por um processo de montagem em que os feirantes organizam tudo para no momento da feira estar tudo funcionando, e depois desmontavam o ambiente novamente:

Lá em cima tinha aquela loucura né, desmonta, leva pra casa, deixa no depósito, todo dia, e às vezes a gente queria comprar uma mercadoria que ela tinha valor, tinha venda, mas não tinha como a gente tá pegando nela embalando todos os dias, aí não dava segurança, aí era muito limitado o artesanato, lá na Rua 15 de novembro vendia mais assim, coisa da região e assim, coisa mais típica e original, vinha muito do Vitorino, vinha os cestos, os balaies e vinha do Alto do Moura, muita gente do Alto do Moura vinha vender e assim, eles recolhiam a mercadoria logo cedo por volta das 11 da manhã, pra comprar seus mantimentos, sua feira, e voltar nos carros de 13 horas. Aí então era muito limitado o artesanato por conta dessa falta de estrutura, de estabilidade que a gente não tinha lá na 15 de novembro (Entrevista 1).

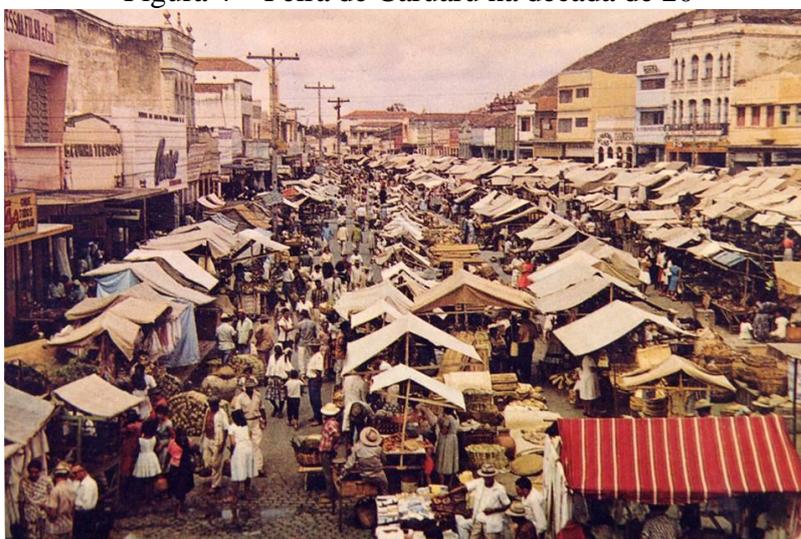
Aqui se vê o quanto a feira influenciava no cotidiano da comunidade. Ditava a rotina, os meios de transporte e todo o processo de organização da vida dos moradores da região. Outro relato destaca:

Lá em cima eram menos lojas... não era loja era banco... lá em cima eram menos bancos, mas muita gente né. Ali é um setor que passava muita gente, a gente fazia negócio, aqui multiplicou mil vezes o tanto que era lá em cima e hoje em dia é pouca gente pra muita loja, que a feira era banco e terminou em loja (Entrevista 5).

Lá era muito puxado, a gente tinha que tirar a mercadoria do lugar, guardar tudo, tinha que amarrar, tinha que levar as mercadorias pra casa, era muito trabalhoso naquela época, a feira simples, a feira só tinha assim bancos, aquelas lonas, é..., com aquelas malas (Entrevista 2).

A feira tinha sua rotina particular. Muitas das necessidades eram sanadas pela capacidade que a feira tinha de comportar diversos tipos de materiais e mercadorias. Para uma melhor compreensão desse ambiente, a figura 4.1 traz uma vista da Feira de Caruaru nesse período relatado.

Figura 4 – Feira de Caruaru na década de 20



Fonte: Blog Viva a História (2019)

Assim, a Feira de Caruaru, quando instalada nas ruas do centro da cidade, fomentava um ambiente bastante simples e comum a qualquer outra feira das cidades brasileiras. A figura 4 destaca toda a simplicidade que envolvia a capacidade comercial, administrativa e produtiva da época. Todos os processos eram realizados ali, no momento da transação. A administração dos negócios era realizada pelo saber prático do feirante.

Outro fator que se destacava à época era que as negociações de compra e venda das mercadorias eram realizadas pelos próprios moradores, os turistas que transitavam pelas ruas da feira eram poucos e o artesanato não dependia tanto do turismo quanto nos dias atuais. Como relata o depoimento a seguir: “só existia Semana Santa... São João não tinha esse negócio de turista não, São João era só o povo daqui mesmo da região” (Entrevista 2). Além disso, o porte da Feira de Artesanato era destacado como pequeno: “Lá vendia todo tempo, porque eram poucas lojas, poucos bancos e pouca gente também, aí lá era uma feira que vinha muita gente e todo mundo comprava” (Entrevista 5).

As regras de funcionamento da feira também eram diferenciadas. Não havia dias certos para que as barracas fossem montadas e o comércio pudesse funcionar. Para o entrevistado a seguir, o funcionamento era diário: “lá a gente vendia todos os dias, todos os dias... não tinha esse negócio de época, que eu trabalhava para outras pessoas e as pessoas viviam muito bem, obrigado” (Entrevista 6). Tal fator exemplifica o caráter informal como uma característica intrínseca da feira.

Segue-se outro exemplo: "no passado não tinha essa coisa, não influenciava muito férias, sempre era bom o movimento" (Entrevista 4).

Falei com os fiscal e arrumei um ponto ali no ‘oitão’ da igreja da conceição, e através desse ponto que eu arrumei, que ali era os caldo de cana era a feira de queijo, ai mais um bocado que foi se empresando, empresando aí ficou um bocado lá, ficou umas 7 pessoas comigo, mas eu fui a primeira eu fui a iniciante de tudo. (Entrevista5)

A feira se mantinha de forma muito pouco organizada, as pessoas se amontoavam e se organizam minimamente para que a feira pudesse funcionar:

....Ai saía da sexta-feira a gente trabalhava até a sexta, era quinta e sexta, aí na sexta de tarde já mudava pra outro canto, ai trabalhava no sábado, quando era no sábado voltava aí trabalhava segunda e terça, na terça de tarde já voltava pra outro canto que era pra fazer a feira de quarta e a feira do sábado, era tudo mudado, agora esses outros dias eu ficava lá no ‘oitão’ da igreja (Entrevista 5)

Essa informalidade era reverberada pela motivação de Caruaru ainda não ser rota turística do estado, mas com o aumento da popularidade da feira, tornava-se necessário uma maior organização das atividades da Feira de Caruaru.

Caruaru ainda não era rota dos turistas nas férias, o São João não tinha tanta popularidade em atrair pessoas como hoje em dia, mas já possuía um peso pela sua feira e comércio de atrair pessoas não só da sua zona rural e da própria zona urbana, mas de cidades vizinhas, causando grande movimentação no centro acarretando em compras, como dito nas falas. Entre as entrevistas houve relatos de um princípio de organização para a realização de feiras de artesanatos diárias que inicialmente aconteciam igual as outras feiras que só eram realizadas nas quartas feiras e nos sábados. Porque a feira era só duas vezes por semana, na quarta e no sábado mas com a necessidade de sustentar a família, minha mãe lutou muito e falou com os fiscais seu Zé Fulô, seu Luiz, falou com o prefeito, para que essa feira pudesse ficar durante a semana, por necessidade financeira mesmo de criar os filhos, ela praticamente foi a fundadora da feira... sendo semanal, porque só era duas vezes por semana (Entrevista 1).

As pessoas que vendiam artesanato e passaram a colocar semanalmente seus bancos na feira passaram a conviver com constantes mudanças de lugar com o decorrer da semana, tinham que se retirar do local onde colocavam no sábado e nas quartas pois as imediações da Igreja da Conceição nesses dias, que eram os dias de feira, já tinham outros donos. Assim essas pessoas iam para outro local exclusivamente nesses dois dias.

Algo que deixava os feirantes de artesanato apreensivos era a incerteza constante em relação às mudanças que sempre aconteciam, em períodos de festas, como a festa do comércio, nas quais havia trocas de local na realização da feira. Essa festa tomava todo o ambiente ao redor do marco zero da cidade. "Aí no período quando tinha a festa do comércio, aí a gente ficava mesmo em frente aos correios, aí a gente passava o mês todinho lá embaixo e não se deslocava, passava o tempo todinho lá o mês todo de dezembro" (Entrevista 2).

Veio então, pelo governo do então prefeito João Lyra Neto, o projeto para mudança da feira, motivada pela ineficiência do espaço físico do então local, que acarretava dificuldade de mobilidade na cidade nos dias de sua realização e da grande quebra de braço entre os comerciantes estabelecidos e os feirantes de rua. O lado dos empresários teve mais força, pois além do ambiente agitado que uma feira proporciona, as barraquinhas de madeira tomavam a frente das lojas do comércio e pioravam essa convivência pois fechavam a visão da loja a possíveis clientes.

No geral tudo, tudo é diferente pra mudança dessa feira... foi mais por conta assim dos lojistas, da falta de organização, limpeza, e o marco dessa feira foi mais a música em si [A feira de Caruaru, Luiz Gonzaga], ela ficou nacionalmente conhecida, e quando as pessoas chegavam aqui não era tudo aquilo que a música em si falava, tinha muita desorganização, tinha muita sujeira ao lado da Igreja da Conceição, em frente ao açougue, porque toda essa feira era semanal, visando toda essa falta de estrutura, e pressão dos lojistas, e por vaidade do prefeito, ele resolveu colocar aqui no Parque 18 de Maio, que era um lugar que só tinha planta, mato, não tinha acesso praticamente só tinha uma via que chegava até o SESC, então o que foi que ele fez, com muita insistência dos feirantes ele só fez o calçamento sem estrutura, deixou a gente aqui sem bateria de banheiro só tinha um que era da lanchonete e colocou a gente aqui, muitas pessoas não queriam vir de jeito nenhum, por conta do local, e artesanato é uma coisa que praticamente ela é supérflua, então todo mundo ficou louco né, quem vai ali comprar uma peça de artesanato?... E assim foi por muitos anos, aqui ficou muito fraco a gente ficou muito abandonado (Entrevista 2).

Essa transição não apenas incomodava os feirantes, mas também trazia as problemáticas políticas da cidade. A insatisfação em relação à mudança, associada à avaliação negativa de sua infraestrutura, fomentava uma *trade off* entre as necessidades dos empresários e do comércio e as necessidades dos usuários da feira.

A aceitação do novo local não parecia fácil. Mas pela visão da administração era necessário – havia a necessidade de ampliação da feira, da melhoria do fluxo de pessoas e do transporte. Mas o método para a mudança de local trouxe grande insatisfação para feirantes e artesãos, justificados pela falta de informação junto aos responsáveis da prefeitura e os interessados, incertezas inerentes ao risco que o novo local poderia trazer aos negócios, entre outros fatores.

Aqui, então, demonstram-se as peculiaridades da feira e as implicações relacionadas ao gerenciamento de mudanças do projeto de modificação do espaço físico. Demonstra-se não só a prospecção de possíveis mudanças no método de relação com o espaço físico, mas de uma modificação radical na relação dos feirantes e artesãos com o modo de comercializar seus produtos. Assim, foram fomentadas as motivações que deveriam ser postas diante do processo de modificação do espaço comercial da Feira de Caruaru. O quadro a seguir sustentará casualidades que antecedem a necessidade do projeto e os cenários relativos ao ambiente que descrevia o antes da implementação do projeto, conjuntamente com as características do Parque 18 de Maio (novo projeto de feira):

Quadro 3 – Descrição do cenário para mudança da feira

	Antes	Novo projeto	Motivação	Problemáticas
<b>Localização</b>	<b>20 ruas do centro da cidade</b>	Espaço pensado para comportar em único	Desafogar o centro da cidade e impedir	Desconforto entre os usuários e

			local as unidades de comercialização dos feirantes	impactos econômicos negativos para outros sistemas comerciais	desconfiança com relação aos impactos econômicos do novo local
<b>Área</b>	<b>Área seis (06) vezes menor (MIRANDA, 2008)</b>		Espaço especificado em cento e cinquenta e um mil (151.000m <sup>2</sup> ) metros quadrados	O espaço era focado em comportar o crescente número de feirantes	Delimitações sobre a influência do novo local para a vida dos moradores do entorno
<b>Quantidade De Feirantes</b>	<b>Pouco antes da execução do projeto eram registrados mais de cinco (05) mil sulanqueiros e artesãos</b>		O Parque 18 de Maio foi organizado para comportar mais doze (12) mil sulanqueiros e a Feira de Artesanato tinha potencial de receber mais de quatrocentos (400) artesãos	Esperava-se causar maior comodidade, segurança e lucratividade aos artesãos e comerciantes	Não havia estudos ou seguridade que demonstrassem que os lucros iriam aumentar – o que motivou resistência ao projeto.

Fonte: Autor (2019)

Observam-se as dificuldades para o entendimento sobre o impacto causado pelo projeto de mudança da feira. A gestão municipal deveria estar atenta às demandas de informação sobre os impactos positivos ou negativos do projeto. Ao planejamento deveria ser associado o caráter macro da mudança, bem como suas descrições de imposição e as tipologias referentes aos critérios para a mudança, que seguem: 1) dirigida, pois havia um projeto impositivo advindo dos gestores públicos da cidade, sendo a mudança esperada pelos moradores e o discurso da necessidade reverberado por outras áreas comerciais; 2) macro, relaciona-se a uma mudança efetiva do espaço utilizado para a comercialização de produtos; 3) episódica, considera-se uma mudança que deveria ser realizada de forma única e não acarretaria na execução de novos projetos em um horizonte longo no tempo; 4) radical, caracterizada como imposta e realizada em um tempo curto e com mudanças globais.

#### 4.2 A MUDANÇA NA VISÃO DO FEIRANTE

A transferência da Feira de Caruaru se deu em decorrência de várias razões já anteriormente explicitadas, o projeto piloto foi feito com a Feira de Artesanato, assim ela foi a primeira a mudar de local, em todos os relatos da pesquisa, foi unânime a lembrança da mudança da feira como um período sofrido, difícil e cheio de incertezas, pois, além de serem

áreas distintas, havia um desconhecimento sobre como a dinâmica do mercado se daria no novo local. Essas dinâmicas podem ser caracterizadas pela incompreensão de como se daria o manejo de vendas, como os clientes se adaptariam, se o “apurado” manteria o mesmo nível de antes, entre outros fatores administrativos que poderiam pôr em risco a rentabilidade do negócio.

Toda mudança exige esforço para todos os envolvidos no processo (DE LIMA; SAMPAIO; SIMÕES, 2005), uma vez que não se trata de tarefa fácil e o gerenciamento de todos os procedimentos que incorporam a mudança devem ser planejados de modo a mitigar todos os possíveis riscos relacionados (SALLES, 2009). A modificação do local da Feira de Caruaru para um antigo campo de criação de animais, onde também existiam plantações, conhecido à época como campo de monta, também incorpora (ou deveria) procedimentos de mitigação dos riscos relacionados. Quando a transição ocorreu, em 1992, a feira dispunha de mais de doze mil (12.000) feirantes e artesãos, que tomavam mais de vinte (20) ruas do centro de Caruaru (MIRANDA, 2007) e, apesar de receber certas qualificações estruturais, o novo ambiente, que passou a ser conhecido como Parque 18 de Maio (figura 4), promoveu um processo pouco discutido entre as partes envolvidas, segundo os relatos dos entrevistados.

Figura 5 -Área da atual Feira no Parque 18 de Maio



Fonte: IBGE

Os relatos sobre a transferência demonstram a complexidade inferida para o gerenciamento de mudanças que acompanhava o processo, além da insegurança quanto ao futuro das atividades dos feirantes e artesãos. Não se fomentou com clareza o trâmite que se daria para a mudança da feira. As informações não fluíam entre os entes interessados e, para a

grande maioria dos populares, o processo de mudança se deu por meio de imposição, como os diálogos a seguir demonstram:

Foi um final de semana, aqui era bem descampado, aqui só tinha o calçamento e mais nada e a gente tinha que vir, ele não disponibilizou nem funcionário de prefeitura, não disponibilizou caminhão, carro, nada. Simplesmente ele disse a partir de segunda eu não quero ninguém aqui, e foi assim que foi feito, quem tinha... Quem podia botou na cabeça e trouxe, chorando. (Entrevista 1)

A mudança a gente desceu a pulso, assim, a gente desceu sem querer né, foi ordem do prefeito e a gente teve que descer. A gente já tava adaptado lá e a gente não imaginava que isso poderia trazer a nossa subsistência não, a gente pensava que aqui a gente ia passar necessidade por conta do ambiente, era muito esquisito e depois foi normalizando e voltou tudo ao normal. (Entrevista 4)

Ressalta-se que, pelo caráter do projeto e a forma como foi executado, insatisfação e resistência à mudança foi notório durante a execução da transferência. Tudo isso promovia um desconforto visível com relação ao novo local por se tratar de uma mudança dirigida. Isso se daria mesmo que o projeto de transferência estivesse sendo realizado para um local maior e objetivasse proporcionar mais conforto e melhores acomodações.

Outro ponto do projeto que também causava desconforto entre os feirantes era o fato de não haver seguridade a longo prazo sobre a efetividade comercial do Parque 18 de Maio. Na perspectiva do gerenciamento de mudanças, quando se tem elevado risco associado à transição física de um determinado ponto comercial, é necessário incorporar capital ao processo para que haja seguridade competitiva durante um determinado período (FIRMINO, 2016). Essa prospecção de incorporação de aumento capital para minimização do risco não poderia ser realizado pelos feirantes ou artesãos, já que, como mencionado anteriormente, os comerciantes da feira não tinham perspectivas de grandes lucros para promover qualquer projeto de investimentos a curto ou médio prazo.

#### 4.3 MUDANÇA DE PAPÉIS: GERENCIANDO CONSEQUÊNCIAS

Atualmente ainda há desconforto com relação à transferência, apesar de passados tantos anos. Isso é observado com a diferença de respostas em relação a vendas em dois cenários de feiras: pessoas que são situadas nas principais avenidas da Feira de Artesanato se conformaram com a mudança. Já as pessoas situadas nos "estritos" (figura 6) tem um discurso um pouco diferente, não manifestam uma boa avaliação na mudança. É o caso dos entrevistados 3, 4, 5 e 6, que pertencem aos estritos, e dos entrevistados que estão fora desse ambiente, o 1 e o 2.

Figura 6: Estreitos da Feira de Artesanato



Fonte: Autor

Ao serem questionados em relação às vendas após a mudança, obtivemos as seguintes respostas: "Não, quando a gente tinha banco na Praça João Guilherme era bem melhor do que hoje aqui" (Entrevista 3); "rapaz, lá em cima a gente vendia tudo. Apesar de ter pouca coisa, né" (Entrevista 4); "era menos banco mas muita gente né, ali era um setor que passava muita gente, a gente fazia mais negócio, aqui multiplicou mil vezes o tanto que era lá em cima e hoje em dia é pouca gente pra muita loja" (Entrevista 5); "não, hoje não vende por conta da quantidade de... concorrentes, porque lá era bem menor" (Entrevista 6).

Tais relatos possibilitam refletir sobre necessidades de planejamento e disseminação de informação quando macromudanças intencionais e dirigidas são planejadas e inseridas na rotina de pessoas que, mesmo que vislumbrem a necessidade da mudança, não percebem os ganhos que podem ser atribuídos à mesma. Outro ponto que se destaca é a incapacidade que a mudança da Feira tem em absorver a dinâmica dos feirantes e artesãos.

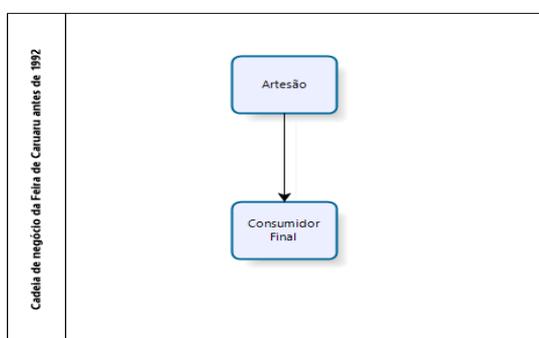
Já para as pessoas que não comercializam nesses estreitos há outras descrições quando comparam as vendas dos dois locais: "Sim, dependendo do período a gente vende mais, depende do período né, tem período que a gente passa umas fases mais fracas, tem outros que compensam e assim a gente sucessivamente vai vivendo" (Entrevista 2).

Olhe, no começo, lá vendia mais. Aqui, como eu lhe disse, ficou em tempo escuro, muito ruim, então lá sim vendia mais. Hoje a gente vende mais um pouco... não tem pra onde mais crescer, se valorizou e a gente colocou outro tipo de mercadoria então ficou relativo, pelo período de tanto tempo, né, mais de trinta anos de mudança, então ficou assim um pelo outro (Entrevista 1).

É muito comentada a situação de concorrência entre as pessoas que se situam nos estreitos. Pois, por não estarem nas principais avenidas da feira onde os compradores vão em maior volume, não dispõem da mesma oportunidade que os outros, e no momento que os compradores se dispõem em sair dessas avenidas e adentrar mais na feira por essas ruas paralelas, é vasta a quantidade de lojas e então fica essa impressão de pouco cliente para muita loja, fica perceptível essa desigualdade entre os que estão bem localizados e os que não estão.

Com essas mudanças, os artesãos que produziam em suas casas durante a semana, no sábado e, em alguns casos, na quarta-feira, iam à feira vender de forma direta ao cliente final seus artigos produzidos. Passaram a sentir dificuldades em ficar na Feira, e comprometer sua produção: "por questão assim de tempo, por conta da produção também, aí ele preferiu vender o espaço, preferiu ficar produzindo e entregando ao pessoal aqui na feira" (Entrevista 7). Esse trecho é parte da entrevista do artesão que conta do seu pai que tinha a mesma profissão, relatando que vivenciou esse período com seu genitor que, além de produzir a arte, era feirante, e decidiu sair e ficar entregando sua mercadoria para "vendedores de artesanato", como é o caso da imensa maioria dos artesãos. A propósito, esses vendedores não são feitores da arte, mas têm o contato direto com eles, e passam a revender suas produções.

Figura 7- Cadeia de comercialização da Feira no centro da cidade.

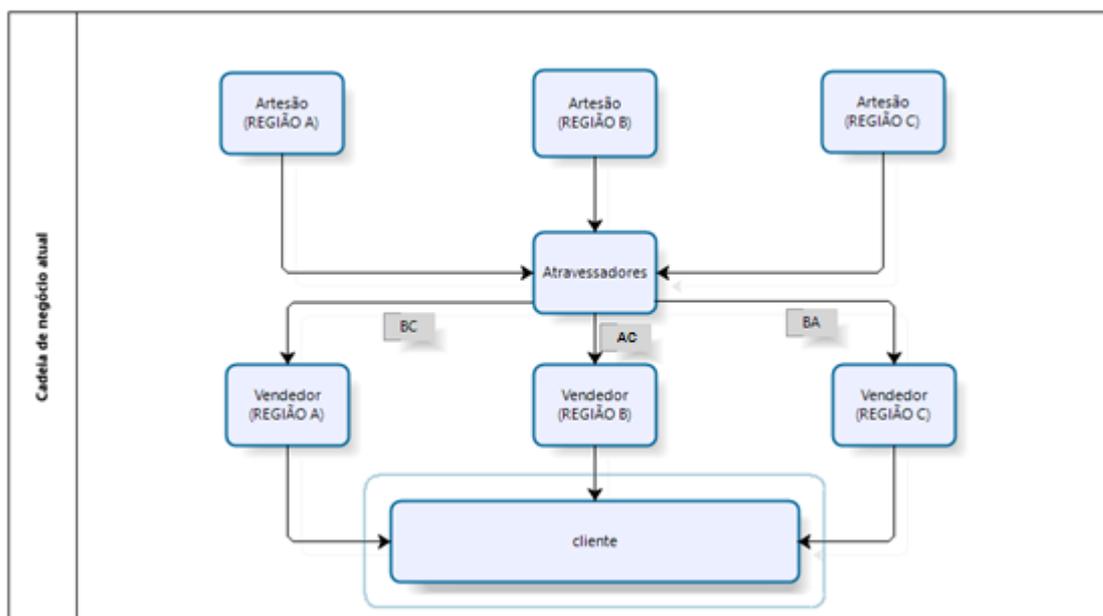


Fonte: Elaboração do autor.

Era comum o contato direto com o consumidor final antes da mudança, gerando um vínculo entre artesão e cliente. Isso não é mais comum nos dias de hoje, onde os próprios vendedores de artesanato às vezes não sabem nem quem são os verdadeiros artesãos. Os

atravessadores são responsáveis em fazer a intermediação de muitas mercadorias de artesanato, que funciona da seguinte forma: artesãos da região A têm contato com os vendedores de artesanato da mesma região A, então esse mercado não é tão propício ao atravessador, pois é provável o conhecimento do vendedor de artesanato para com o artesão. O que ele faz é pegar essa mercadoria direto com o artesão da região A e revender ao vendedor de artesanato da região B e C, e pegar a mercadoria do artesão da região B e revender ao vendedor de artesanato da região A e C e, da região C, fornecendo para A e B. Agindo como uma espécie de representante comercial dos produtos, criando uma cadeia de comercialização, e uma mistura de todos os artesanatos em todas as regiões, que não era tão comum à Feira de Artesanato de Caruaru antes da sua transição.

Figura 8 – Cadeia de comercialização do artesanato hoje.



Fonte: Elaboração do autor

Com o passar da transferência, os artesãos passam a vender suas mercadorias tanto para os atravessadores quanto para os vendedores de artesanato local. Passado todo esse processo, o artesanato chega ao consumidor final sem o contato deste com o artesão, fato que causa um não repasse dos conhecimentos sobre a peça e sobre o artesão. Antes esse contato era mais real:

As pessoas que chegavam, fabricavam sua mercadoria, panela de barro, louça é... pote, quartinha, gamela que se chamava, que se chamava... Na época tudo de barro, isso virou cartão postal, que passou por muitos anos como cartão postal de Caruaru, então a feira era só na quarta e no sábado, ele fabricava sua mercadoria, vendia e voltava pra casa lá, porque lá só eram dois dias na semana. Quando a feira mudou pra o Parque 18 de Maio, apareceram novos vendedores, então começaram a deixar essa mercadoria e a voltar, não precisava voltar pra casa, não precisava recolher, então eles acham melhor assim, ele vendia um pote tipo no dinheiro de hoje por 70

reais ao consumidor, então se ele ia vender ao revendedor ele vendia por 50 reais, então sai melhor vender muitos a 50 que 1 ou 2 por 70 e assim foi feito, muitos chegavam entregavam e voltavam já. Então hoje é assim do mesmo jeito, eles fornecem sua mercadoria, tanto lá no Alto do Moura quanto também na região, ele já vem, vende a preço de grosso e volta já com a certeza que tá com aquele dinheiro certo no bolso, e ao longo do tempo isso foi acontecendo lentamente, porque a feira, como eu já falei anteriormente, ela é por período de altos e baixos, no São João é melhor, nos outros meses é pior... Então nesses meses que eram ruim ele achou melhor eles entregarem aos que tem aqui as lojas físicas, eles já entregam e voltam pra casa e ao longo do tempo ele foi perdendo o interesse de ficar aqui, e ficou só entregando. Hoje só são só fabricantes, é difícil lá um fabricante vender uma unidade, eles indicam: "lá na feira do artesanato vende, eu não fabrico uma peça só", então ao longo do tempo eles foram ficando até esquecidos, se você procurar quem é o fabricante? Quem é que faz? O artesão dessa peça? Você às vezes não sabe nem dizer onde ele mora e quem ele é, porque ele só aparece aqui na feira, entrega e vai embora, e ao longo do tempo o principal, a mão de obra principal, o artesão principal, ao longo do tempo foi sumindo, hoje você... é difícil encontrar, tanto aqui na região aqui em Caruaru, no Alto do Moura, é difícil você encontrar, porque eles aparecem, entregam a mercadoria e vão embora, porque eles acham assim de um certo conforto pra eles (Entrevista 1).

Então o vendedor de artesanato passa a ganhar um papel importante com a mudança da feira, que com o passar do tempo foi ganhando espaço e hoje é grande maioria lá. Anterior à transição existia o vendedor de artesanato, mas essa presença era de mínima expressão em questão de números, o que veio a crescer a partir da mudança. Houve casos de pessoas que produziam e deixaram de produzir para serem apenas vendedoras de artesanato fabricado por outras pessoas.

Questionamos o artesão entrevistado sobre como foi o processo de mudança para ele e o pai, como foi concedido um local no Parque 18 de maio para eles e o motivo da posterior saída do seu pai do novo local. "Com a mudança eu não tinha um espaço para colocar, não tinha uma barraca, fiquei vendendo a alguns clientes aqui da feira, até hoje tenho vários clientes" (Entrevista 7).

Eu vendo daqui... que praticamente eu vou dizer que o daqui é em torno de 40 por cento daqui, de 30 a 40 por cento daqui, e os 70 por cento vêm praticamente todo de fora daqui de Caruaru, tanto daqui da região de Pernambuco, quanto de outros estados, aí essa de Pernambuco e de outros estados fica em torno de 60 a 70 por cento o artesanato (Entrevista 1). [...] Mas inclusive a mercadoria não só vende o que é fabricado aqui, vem do Pará, do Amazonas, vem do Tocantins, vem de vários lugares do Brasil. O artesanato aqui é rico porque tudo que tem no Brasil praticamente se vende aqui, então isso faz com que a feira esteja melhor hoje, e você encontrar muita coisa, então assim fica muito relativo se lá vendia mais ou o que tem diferente aqui? Tem! Tem muita coisa que não vendia lá em cima (Entrevista 1).

Assim, fica claro como há uma influência da mudança em procedimentos que não deveriam ter correlação, como no caso a modificação do espaço físico e as relações de compra e venda. A macromudança, intencional e direcionada da Feira de Caruaru trouxe transformações em todos os processos econômicos e até mesmo culturais entre os que se

utilizam do espaço da feira, o que mostra a capacidade estrutural que mudanças organizacionais podem trazer para determinados agentes comerciais. Relativa a esse caráter macro também encontra-se o fato de que, com essas modificações, a produção passa a ficar ao sabor do mercado, aumentando a quantidade do que se vende. Logo, o artesão passa a fabricar agora em escala para dar conta dos pedidos, e assim secundariza sua criatividade e fica cada vez mais à margem do anonimato caracterizando também uma mudança episódica, que apesar de ser um processo já imaginável diante de tudo que cercou a transferência, a inserção de novos atores com o crescimento da Feira de Artesanato e a demanda por tais produtos aconteceu muito rápido e em função de anseios econômicos.

#### 4.4 "A FEIRA PARA TURISTA VER"

A Associação dos Artesãos e Comerciantes da Feira de Artesanato (AACFAC) presente na Feira de Artesanato nos dias de hoje, consegue, ao seu modo, ter voz e representar de forma mais efetiva essa classe de feirantes, em comparação à maioria das outras feiras que compõem o Parque 18 de Maio e que não possuem a mesma representatividade, fato que acaba contribuindo ainda mais para efeitos como a "favelização" de algumas delas. Já na Feira de Artesanato, onde são pagas taxas semanais para a Associação e revertidas em seguranças terceirizados, bombeiros civis, confraternizações e para alimentar o hábito de reuniões periódicas, para interesses e melhorias no ambiente, criando um aspecto de "condominização" desse ambiente.

Hoje pra você sair aqui da Feira de Artesanato pra feira de raiz fica um pouco esquisito, porque não tem limpeza, não tem um caminho que leve à tal feira, não tem mapa, não tem um guia, não tem nada. Então a feira em si, as coisas se resumem mais aqui na Feira do Artesanato, porque o artesanato ele tem uma associação, aí tem as regras pra a gente ser respeitado, tem o estatuto pra a gente ser respeitado, não pode ultrapassar a calçada, não pode vender isso, não pode vender aquilo, então ela ficou mais estruturada e mais organizada do que as demais feiras, as demais feiras não tem isso então é uma coisa desordenada, as pessoas chegam aqui perguntando, onde é que tem um mel? Uma rapadura? A gente não pode nem indicar porque lá não tem estrutura nenhuma (Entrevista 1).

Com o passar do tempo o artesanato também acompanhou a evolução da feira e a forma de se fazer o artesanato também foi modificada. "O artesanato ele está muito diversificado, aí hoje a tendência é melhorar cada vez mais, aprimorar, é isso que o público começou a exigir, o artesanato teve que mudar a característica" (Entrevista 2). Assim, com o decorrer dos anos, a Feira de Artesanato e o próprio artesanato evoluíram, acompanhando a evolução do gosto e da forma que o consumidor que quer adquirir aquele produto modelado ao interesse comercial.

Um aspecto intrigante da integração ao mundo globalizado é a existência, na Feira de Artesanato, de produtos que se passam por “locais”, mas que na realidade são imitações comumente oriundas da China. Ao serem questionados sobre (Você vende produtos importados "da China"?), os vendedores de artesanato deram as seguintes respostas: "poucos, mas tenho" (Entrevista 1); "não, nada importado" (Entrevista 3); "tudo que eu vendo é artesanal, e é tudo de produtos naturais" (Entrevista 4); "aqui é misturado, tem daqui e tem de todo canto, agora na minha loja não só tem daqui mesmo, agora esse povo que vende bordado, tem um bocado da China aqui" (Entrevista 5).

Tem também, a China está envolvida em todos os aspectos, a gente tenta não colocar, mas a gente tem que misturar uma coisa ou outra, mas de 80 a 90% da mercadoria é artesanal, 10% a gente tem que colocar alguma coisa de importado pra dar um sortimento melhor na loja (Entrevista 2).

Outro aspecto identificado nas feiras é a sazonalidade. Conforme já relatado na seção 3.2, a feira, quando realizada no centro, tinha grande volume de pessoas independente da época do ano. Na Caruaru de hoje, que há tempos se tornou rota turística, se consolidaram épocas de picos de vendas para o artesanato local, destacando-se o seu São João, que é o período do ano que atrai a maior quantidade de visitantes para a cidade, seguido pela Semana Santa, pegando carona no evento que acontece da Paixão de Cristo, em Brejo da Madre de Deus-PE, cidade vizinha que atrai muitos turistas para Caruaru, conseqüentemente para a feira também, e no mês de janeiro, quando é comum a presença de turistas também em decorrência das férias. A sazonalidade está também atrelada à evolução da simplicidade dos hábitos, como deixar de beber água no pote de barro por exemplo, para beber água em bebedouros industrializados, de usar cestos de cipó a bolsas de industrializadas para levar objetos. Essa característica também contribui para o baixo consumo de artesanato em outras épocas do ano, onde não é muito presente o turismo nessa região, esse tipo de produto não tem mais demanda de mercado pois é praticamente inutilizável nos dias de hoje, saindo até de circulação da própria feira na sua grande maioria.

O artesanato hoje basicamente atendente ao mercado e é feito em função das suas vendas, ofuscando algo que é próprio de um artesão que é sua criatividade. Isso não é algo que remete diretamente a uma ligação com a transferência, pois antes dela já existiam preferências no mercado e produções direcionadas a uma demanda específica. Mas é uma característica que se vê mais presente no ambiente atual que no anterior. Algo que pode ser relacionado também a grandes encomendas tanto dos vendedores de artesanato e principalmente dos atravessadores, gerando uma falta de tempo para criar coisas novas,

remetendo a uma produção em massa e em série, tornando-a o mais padronizada possível, deixando o artesanato autoral cada vez mais escasso nesta feira.

Sobre a pergunta se ainda era possível ver o artesão fabricando o que vendia, a resposta que mais sintetiza é: "tem poucos, ainda resistem alguns" (Entrevista 1). A partir dessa informação, vamos chamar esses artesãos feirantes de resistentes. Um desses resistentes foi nosso entrevistado 4, que ao ser questionado sobre o tema assim respondeu: "À vista do turista, eu acredito que deve ter uns 10 ou 15, eu mesmo passo o dia todo aqui confeccionando meus produtos". Em contrapartida, há outros relatos que falam em número bem menores, como:

É, poucos se contam... 4, 5 artesãos... já naquela época não, muitos artesãos faziam e vendiam como tapete, palha os balaios, muitos trabalhavam até pra o turista ver na hora, inclusive tinha gente que fazia até barro, panelinha, cavalinho, na hora (Entrevista 4).

As mudanças dos métodos de venda, produção e o contato com cliente fazem com que certas características culturais da Feira de Caruaru e da Feira de Artesanato sejam substituídas por procedimentos mais mercantis, no sentido da padronização do método de comercialização. Pode-se, a depender do ponto de observação, atribuir conotação negativa aos aspectos das mudanças ou observá-las de modo mais resignado e aceitar que é uma tendência muito contemporânea a adaptação e a busca do lucro como imperativo determinante nos negócios, independentemente do que se põe à venda.

## 5 CONCLUSÕES

Por meio desta pesquisa conseguimos identificar algumas consequências da mudança da Feira de Artesanato, destacando a troca de papéis dos personagens componentes dessa feira. A mudança de costumes e rotinas desses atores, a perspectiva de uma troca promissora para alguns e uma não tão promissora para outros, que ficam às margens, em decorrência de um planejamento que não deixou todos com um posicionamento favorável ao comércio.

Uma ameaça de produtos não artesanais que são vendidos como se fossem é preocupante, mesmo com a mudança e isso provavelmente seria difícil de ser evitado, pois os produtos industrializados, em sua grande maioria, importados, chegam com aspecto de arte, mais baratos por ser resultado de uma larga escala industrial de produção.

Tomando como modelo outras grandes estruturas de feiras, com vasto espaço e subdivisões de setores, porém foi um planejamento unilateral, deixando o lado dos feirantes sem voz, resultando sentimento de insatisfação e exclusão por não fazerem parte daquele novo projeto, tendo influenciado diretamente o afastamento do artesão feirante do novo local.

A mudança, provavelmente, não teria impedido a chegada dos atravessadores, e evitado a massificação hoje existente de artesanato de todas as regiões em qualquer loja do gênero que se possa averiguar, pois com o passar do tempo seria natural um surgimento de atores que viessem a fazer esse intermédio de mercadorias entre regiões, considerando uma fonte de renda. Porém os artesãos, mesmo vendendo sua mercadoria a esses intermediários, poderiam ser os vendedores de artesanato também na Feira de Artesanato, tendo o contato com o consumidor final, assim o impacto sobre a cadeia de suprimentos seria menor.

Em relação à transferência, mesmo até hoje sendo questionada por várias pessoas, concluímos que nos dias atuais seria inimaginável e incapaz de uma cidade com a expressão de Caruaru ainda ter uma feira ocupando suas principais ruas e avenidas. A Feira de Artesanato foi absorvida pela cultura e pelos costumes de feiras vividos no outro ambiente. Alguns deles perderam força, como falamos no trabalho, mas a essência de feira foi herdada tanto por convívio com os antigos personagens, e, ainda hoje, mesmo em menor número, mas ainda presentes e pela proximidade com as outras feiras que compõem o todo do Parque 18 de Maio, ou simplesmente por ser uma feira, que, naturalmente, carrega consigo várias práticas informais, tanto em termos de atendimento ao cliente, na sua própria organização financeira, ou no trato com a mercadoria, afinal, são diversos traços que não se perderam.

Essa pesquisa não se propõe a apresentar soluções, mas leva a refletir sobre os problemas que hoje cercam os feirantes de artesanato e o todo que compõe a rede comercial. Para a literatura a pesquisa propõe a iniciar um estudo sobre essa mudança e seus impactos para a Feira de artesanato, Para a AACFAC, sugerimos tentar o resgate do artesão feirante ou tentar fortalecer o nome do artesão que está distante do consumidor final, buscar uma conscientização mútua para não permitir que a comercialização de produtos não artesanais progressivamente pormenorize a venda da produção artesanal local.

Para o poder público seria extremamente importante um projeto para tornar a feira um ambiente mais igualitário aos seus comerciantes e um minucioso estudo em relação a futuras mudanças de feiras com o olhar voltado ao feirante e ao comércio que ele representa, questões que são comumente discutidas na cidade, enfim, olhar os impactos que viriam a ser sofridos.

Para pesquisas futuras, fica a sugestão de investigar como o intermédio da tecnologia poderá retomar o contato com o consumidor final? E as outras feiras que compõem o Parque 18 de maio, elas também sofreram consequências com a mudança? Caso sim, quais?

## REFERÊNCIAS

- ACIC - Associação Comercial e Industrial de Caruaru. **Terra de Oportunidades: A contribuição da ACIC para o desenvolvimento do município e região**, 2010. Disponível em: <<http://www.acic-caruaru.com.br/caruaru.php>>. Acesso em: 9 out. 2019.
- ALVES, Marcos Souto; SILVA, M. A.; PINTO, S. L. Perfil sócio-econômico dos atores envolvidos na produção e comercialização de zooartesanato em Recife, Pernambuco-Brasil. **Revista Nordestina de Zoologia**, v. 4, p. 97-104, 2010. Disponível em: <[encurtador.com.br/rDvX6](http://encurtador.com.br/rDvX6)> Acesso em: 20 jun 2019.
- BAUER, Ruben. **Gestão da mudança: caos e complexidade nas organizações**. 1. ed. 6. reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.
- BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo; SANTOS DE SOUZA, Maíra Gabriela; VASCONCELOS, Lísian Camila. **Pesquisa sobre Mudança nas Organizações: a Produção Brasileira em Micro Comportamento Organizacional**. Revista Psicologia: Organizações e Trabalho, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 32-46, abr. 2010. ISSN 1984-6657. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/rpot/article/view/13154>>. Acesso em: 11 out. 2019.
- BLOG VIVA A HISTORIA.COM. **Antiga Feira de Caruaru**. 01/05/2019. Disponível em: <<http://juarezribeiroa.blogspot.com/2019/05/antiga-feira-de-caruaru.html>> Acessado em 03/10/2019.
- CONDÉ, José. **Terra de Caruaru**. Caruaru, 6.ed, W.D., 300p. 2011.
- CREASEY, T. **Defining change management: Helping others understand change management in relation to project management and organizational change**. Change Management Learning Center - Prosci 2009. Disponível em: <[https://www.prosci.com/resources/articles/changemanagementdefinition?utm\\_source=tutorial-definition-2009&utm\\_medium=redirect&utm\\_campaign=cm](https://www.prosci.com/resources/articles/changemanagementdefinition?utm_source=tutorial-definition-2009&utm_medium=redirect&utm_campaign=cm)> Acesso em: 21 julho 2019.
- DE LIMA, Cícero Adriano; SAMPAIO, Renata Lima; SIMÕES, Tatiana de Jesus. **Gestão da mudança organizacional**. Monografia do Curso de Especialização em Gestão de Pessoas. UFBA, Salvador, 2005. Disponível em: <[http://www.adm.ufba.br/sites/default/files/publicacao/arquivo/gestao\\_mudanca\\_organizaciona\\_l.pdf](http://www.adm.ufba.br/sites/default/files/publicacao/arquivo/gestao_mudanca_organizaciona_l.pdf)>. Acesso em: 21 julho 2019
- FIRMINO, Gabriela de Oliveira. **Análise de custos: possíveis reflexos na estrutura de gastos organizacionais com a transferência de produção em uma indústria de embalagens plásticas flexíveis**. Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Ciências Contábeis. Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Criciúma, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/handle/1/4422>>. Acesso em: 22 julho 2019.
- INSTITUTO BRASILEIRO E GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Dados de população 2001-2010**. Disponível em: <[www.ibge.org.br](http://www.ibge.org.br)>. Acesso 9 out. 2019
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL/IPHAN. **Dossiê. FEIRA DE CARUARU: Inventário Nacional de Referência Cultural**. Caruaru, 2006.

JUDSON, Arnold S. **Relações humanas e mudanças organizacionais**. São Paulo: Atlas, 1976.

LIMA, Lavoisiene Rodrigues et al. A arte do barro: um estudo sobre a perspectiva do conhecimento empírico para o controle patrimonial em Caruaru–Pernambuco. **Registro Contábil**, v. 5, n. 3, p. 111-129, 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/registrocontabil/article/view/903>>. Acesso em: 21 jun 2019.

LIMA, Sandra Ferreira de. **Invenção e tradição**: um olhar plural sobre a arte figurativa do Alto do Moura. 2001. 140 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/284151>>. Acesso em: 9 out. 2019.

LIMA, S. M. V.; BRESSAN, C. L. Mudança organizacional: uma introdução. In S. M. V. Lima (Ed.), **Mudança organizacional – Teoria e gestão** (p. 17-63). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo, Atlas, 2003, 305p.

MIRANDA, Gustavo. A cidade e a feira no tempo: perdas e ganhos no processo de relocação da Feira de Caruaru. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano (Artigo). Universidade Federal de Pernambuco. **Anais do II Colóquio Internacional: sobre comércio e cidades**, 2007. Disponível em:< [encurtador.com.br/oDV58](http://encurtador.com.br/oDV58)>. Acesso em: 9 out. 2019

MIRANDA, Gustavo Magalhães Silva. **A Feira na Cidade**: Limites e Potencialidades de uma Interface Urbana nas Feiras de Caruaru (PE) e de Campina Grande (PB). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, UFPE. Recife, 2009. Disponível em: < [encurtador.com.br/dsBZ3](http://encurtador.com.br/dsBZ3)>. Acesso em: 09 out. 2019

RAMIREZ, Michele Bruno. **Trabalho informal**: saberes e experiências dos trabalhadores da Associação Matogrossense dos Artesãos. 2015. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá, 2015. Disponível em: <<http://ri.ufmt.br/handle/1/147>>. Acesso: 29 jun. 2019

ROCHA, Darllan Neves da. **A arte é para todos**: patromônio cultural, tradição de conhecimento, processos sociotécnicos e organização social do trabalho entre os artesões do Alto do Moura (Caruaru-PE). Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2014. Disponível em: < <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/13265>>. Acesso em: 07 out. 2019

SÁ, Marcio. **Feirantes**: quem são e como administram seus negócios. Recife, PE: Editora Universitária UFPE, 2018

SALES, Jannayna Martins. **Gestão da mudança organizacional**: A mudança organizacional na força de trabalho do Ministério da Saúde. Monografia (Graduação em Administração)– Curso de Administração, Faculdade Cenecista de Brasília, Ceilândia, 2009. Disponível em: <<https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt->

BR&as\_sdt=0%2C5&q=GEST%C3%83O+DA+MUDAN%C3%87A+ORGANIZACIONAL+A+mudan%C3%A7a+organizacional+na+for%C3%A7a+de+trabalho+do+Minist%C3%A9rio+da+Sa%C3%BAde&btnG=> . Acesso em: 22 julho 2019.

SILVA, Gustavo Henrique. **Uma princesa centenária:** desejos, expectativas e exclusões nas comemorações dos 100 anos de Caruaru-PE (1957). Universidade Federal de Campina Grande, UFCG. Campina Grande, 2015.

SOUSA, J. R. F.; SÁ, M. G. Os significados do Projeto 'Nova Sulanca' sob a ótica da teoria do discurso de Laclau e Mouffe. In: **Anais do Encontro Nacional de Estudos Organizacionais**, 2019, Fortaleza. EnEO 2019, 2019.

TENÓRIO, Luciene; CARVALHO, Amanda B.; ZHAYRA, Adelaide C. A Feira de Caruaru: um lugar de referência cultural. **Anais do 3º Colóquio Ibero-Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto—Desafios e Perspectivas**, Belo Horizonte, 2014.

WOOD JR, Thomaz. **Mudança organizacional:** aprofundando temas atuais em administração. São Paulo: Atlas, 1995.

VEGARA, Sylvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 12. ed. São Paulo: Atlas, 2005